

A cidade dos Amorim

25

- Você tem uma cidade? Se tem, você é um leitor ou uma leitora de muita sorte.
- Se você nasceu com a sua cidade, se acompanhou o surgimento do lugar onde nasceu e, se durante 50 anos, o percurso de sua vida e de sua história pessoal ficaram registrados em fotos, você tem demarcadas as bordas de sua existência. E isso não é pouca coisa. Aconteça o que acontecer, haverá sempre um território

para onde voltar, onde se recolher, onde se proteger das danações do mundo. Imaginária ou verdadeiramente.

A brasiliense Débora Amorim é uma dessas privilegiadas pela rara conjunção do tempo histórico, do espaço físico e do zelo de um pai que registrou os primeiros anos de Brasília desde que aqui chegou, em agosto de 1960. A filha do contínuo do Banco do Brasil e fotógrafo amador Marcio Amorim cresceu, fez educação física na UnB, mas decidiu que iria alongar o varal de fotos que o pai começou a montar aos 18 anos. Virou fotógrafa profissional.

Os registros fotográficos que o pai de Débora fez nos primeiros anos de Brasília

ficaram guardados no cofre das preciosidades sem preço. Até que Débora ligou as duas pontas da linha: as imagens feitas pelo pai e pelos familiares nos anos 1960 e 1970 e seus registros de fotógrafa profissional. Atado o fio, nasceu o livro *Brasília, uma arquitetura familiar*.

Em uma das fotos, aparecem Zagalo e Carlos Alberto num púlpito verde e amarelo montado em um carro do Corpo de Bombeiros. Ao fundo, o cerrado e o céu, uma Kombi e um carro pequeno. Os tricampeões parecem acenar para a vastidão vazia, vazia vastidão. Naquele 1970, Brasília era uma casa de bonecas montada num campo de futebol.

Era tudo tão novo, tão vasto, tão solitário,

que a primeira corrida de kart de Brasília foi feita na plataforma inferior da Rodoviária. O público pode acompanhar os velozes pilotos das baías dos ônibus e da plataforma superior, onde hoje estão os estacionamentos. A capital de Lucio e Oscar era um deserto de concreto e asfalto.

No acervo do pai de Débora há imagens da posse de Jânio Quadros, em 1961. Exemplares de Vemaguet, Rural Willys, Chevrolet 1951 e jipes estão estacionados na Praça dos Três Poderes. Os homens que aparecem na foto estão de chapéu e botina, manga da camisa dobrada até acima do cotovelo, os ternos ainda eram brancos e as mulheres ainda usavam lenço na cabeça. Cinquenta anos mais tarde,

quando os ternos já haviam escurecido e as mulheres tirado o lenço, Débora Amorim fotografou a posse de Dilma Rousseff. Atou, mais uma vez, a sua história, a de sua família, a de sua cidade e a de seu país.

Há uma foto de Marcio Amorim perigosamente em pé na mureta de proteção da Plataforma Rodoviária, que expressa o que era viver em Brasília entre os anos 1960 e 1970. Amorim está de pernas abertas em V e dentro do V aparece o Congresso Nacional. As pernas de Amorim servem de moldura para as duas torres e as duas cúpulas da maior obra (em extensão) de Niemeyer na cidade. A inacreditável Brasília pertencia aos brasilienses. Sentimento que se exauriu com o tempo.